

ÓRFÃOS DA COVID-19: UMA GERAÇÃO INVISÍVEL

Mais de 130 mil crianças brasileiras de até 17 anos ficaram órfãs por causa da COVID-19 entre março do ano passado e o final de abril deste ano, número que contradiz a ideia de que os mais novos são menos afetados pelo coronavírus. É uma pandemia oculta.

O número de menores brasileiros que ficaram órfãos corresponde a uma taxa de 2,4 órfãos para cada mil brasileiros menores de idade. Com a evolução rápida da COVID-19, muitos tem perdido os principais provedores de sua residência, precisando viver com familiares que muitas vezes nem tem condições financeiras de sustentá-los. São aproximadamente mais de 113 mil menores de idade brasileiros que perderam o responsável direto, como o pai, a mãe, ou ambos para a COVID-19 entre março de 2020 e abril de 2021. Se consideradas as crianças e adolescentes que tinham como principal cuidador os avós/avôs, esse número salta para 130 mil no país. Globalmente, a cifra ultrapassa 1,5 milhão de órfãos, de acordo com um estudo publicado no dia 20/07, no periódico científico Lancet.

O cálculo do número de órfãos foi feito com base em números de fertilidade da ONU e estatísticas nacionais sobre morte por COVID-19, o que indica que pode ser ainda maior, segundo os pesquisadores, já que há subnotificação nos registros de óbitos pela doença. A COVID-19 mata rapidamente, deixando pouco ou nenhum tempo para preparar essas crianças para o luto. E a longo prazo, essa perda pode aumentar o risco de doenças, suicídio, gravidez na adolescência, evasão escolar, violência sexual e vulnerabilidade a exploração econômica, segundo os cientistas. Assim, não **trata-se apenas de salvar vidas, mas também de salvar famílias.**

Histórias de crianças órfãs evidenciam um dos impactos da pandemia em nosso país, sujeitando a infância a mais vulnerabilidades. *'Pensamos que crianças não são afetadas, mas é o oposto'*, afirma Susan Hillis, pesquisadora de doenças infecciosas do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA, coautora de uma pesquisa que evidencia que o Brasil é o segundo país mais afetado pelo problema.

"Se você parar agora e contar até 12, é o tempo que basta para haver um novo órfão por COVID-19 no mundo", afirmou a cientista que liderou o estudo, Susan Hillis. No Brasil temos um órfão a cada cinco minutos. Dito de outra forma, a cada dois adultos que morrem pela pandemia no mundo, uma criança é deixada para trás lamentando a perda de seu responsável direto. Isso traduz a urgência da situação.

De acordo com a cientista, a magnitude no número de órfãos expõe uma imensa fragilidade e para além da tragédia emocional, muitas famílias perderam o principal provedor de fonte de renda da casa, portanto há que se ter uma inclusão desses menores de idade em programas de transferência de renda, para combater a vulnerabilidade financeira e social que vem junto com a orfandade.

O DESAFIO DE CRIAR AS CRIANÇAS QUE PERDERAM O RESPONSÁVEL PARA A COVID-19

O artigo, coassinado pela Susan Hillis, afirma que os dados são claros em mostrar que o Brasil é o segundo país com maior número de órfãos, atrás apenas do México e que a orfandade é uma epidemia escondida dentro da pandemia de COVID-19.

A magnitude desses números surpreendem a maior parte do mundo pelo simples fato de não termos pensado nisso. No entanto, o artigo deixa claro que agora

é a hora de nos concentrarmos em um grupo de crianças que está em crise e que continuará a crescer à medida que a pandemia progride.

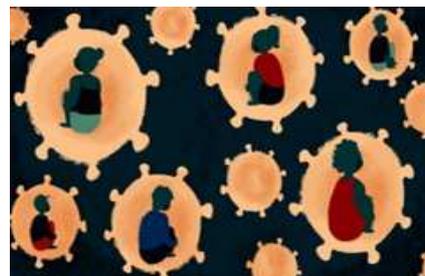
O tamanho do grupo de crianças em sofrimento é chocante e a velocidade com que ele aumenta é de tirar o fôlego. O extremo da situação fica claro quando pensamos que muitas vezes, em poucos dias ou semanas, a pessoa que

contraiu COVID-19 estará morta, o que deixa muito pouco tempo para que os familiares possam preparar essas crianças para o que é o futuro de uma vida sem a pessoa que cuidava dela o tempo todo, todos os dias, que ajudava na lição de casa, que lavava o cabelo, que estava ali para ouvir a criança quando precisasse de apoio psicossocial.

Um das estratégias sugeridas é preparar parentes das famílias delas ou mesmo formar rapidamente famílias substitutas e adotivas que possam dar um lar para as crianças que precisam e precisarão deles. E não são poucas. É preciso olhar para a possibilidade de famílias alternativas, iniciando com os parentes e, quando isso não for possível, é preciso um lar substituto seguro e amoroso.

Outra estratégia é a proteção social, pois sabemos que as crianças que crescem sem um responsável de referência para zelar por elas, correm maior risco de exposição à violência sexual, física e emocional. Há um risco também de outras vulnerabilidades sociais, como a interrupção dos estudos. Então, fica claro que precisamos trabalhar juntos para garantir que os responsáveis possam reconstruir uma coesão familiar, para que essas crianças sigam tendo oportunidades de permanecer na escola.

A maioria das crianças e adolescentes que ficaram órfãos em meio ao caos permanece na invisibilidade e elas não irão para adoção, sendo encaminhadas para um familiar, e muitas vezes, passam necessidades de diversas ordens, principalmente alimentar.



Ilustrações: Brunna Mancuso

Ainda que não seja a população que mais morre por causa do vírus, crianças e adolescentes brasileiros se tornam vítimas indiretas dessa crise descontrolada. Além das perspectivas de futuro alteradas, terão de atravessar muito cedo o luto, sendo obrigadas a conhecer as dimensões da falta, sem muitas vezes atinar para o que de fato está acontecendo.

E como a ausência será vivenciada por essas crianças que dependem de seus responsáveis e de repente se encontram desamparadas?

A primeira experiência vivenciada pelos órfãos desta pandemia é chorarem a dor da perda, mas os impactos extrapolam o momento da morte e os sujeitarão a outras perdas particulares ao longo dos anos, mesmo depois de superarmos essa crise coletiva.

Em geral, essas crianças precisam do apoio de adultos que também estão enlutados, o que torna a situação um pouco mais difícil. Quando o luto acontece na infância, ele poderá ser revisitado ao longo dos anos, atribuindo à perda novos sentidos. E em alguns casos, a ajuda profissional é importante para que a criança possa se

expressar e integrar esta experiência à sua narrativa de vida.

Em um país enlutado, com recortes em números de vítimas, a morte acaba se tornando assunto comum. Mas o luto coletivo é real, experienciado por milhares de pessoas neste momento, seja pela perda concreta de um ente querido ou pela perda simbólica das certezas, do mundo que conhecíamos, da nossa rotina.

Quando a tragédia acontece em nossa casa e há a experiência do rompimento de um vínculo significativo com alguém que morreu, os lutos individuais pela COVID-19 ficam sujeitos ao distanciamento físico e à ausência dos rituais de despedida. O fato de não poder abraçar, tocar, frequentar espaços religiosos, pode causar revolta, pois diante da impossibilidade dos encontros, *'aprendemos a manifestar nosso afeto de outras formas'*, mesmo que por intermédio da tecnologia.

A morte costuma ser vista como um episódio futuro – vamos todos morrer em algum momento, não agora. Quando crianças precisam enfrentar a perda na infância, deve-se acolhê-la, desfazer a solidão, abrindo espaço

para que ela possa se expressar livremente sobre o que aconteceu e respeitando também seus silêncios. A perda pode trazer um senso de insegurança no mundo, então é preciso permitir que sentimentos como medo, ansiedade, raiva, desprezo, angústia venham à tona. Pode haver até regressão de comportamento e dificuldades escolares, pois cada um tem uma maneira de enfrentar o luto. E dependendo da idade, a expressão lúdica, por meio de brincadeiras – desenhos, pinturas ou teatro poderá ser mais efetiva do que a linguagem verbal para contar sua história.



Ilustração: Brunna Mancuso

O LUTO NA ESCOLA

A morte prematura e repentina afeta diretamente na rotina escolar. O impacto é comum em casos de luto infantil, mas a maneira como cada um processa a situação varia de acordo com a etapa do desenvolvimento na qual a criança está. A partir dos dois anos de idade, a criança desenvolve recursos simbólicos que permitem a ela compreender mais a ausência do cuidador e isso pode ser muito doloroso, pois ela está desenvolvendo suas capacidades imaginativas e sofre com indagações internas sobre o que aconteceu e sobre quem irá cuidar dela dali em diante. O brincar, como um recurso lúdico, poderia ajudar a criança a lidar com o estresse e a ansiedade, mas nem todas as famílias têm estruturas emocionais para oferecer isso.

Na adolescência, o luto pode ser assimilado de modo mais duro. Nessa etapa da vida, o adolescente busca simbolicamente sua identidade social e tende a se afastar dos responsáveis. Porém, ele ainda é muito dependente do adulto. Por mais autonomia que tenha, ainda são dependentes e não possuem recursos cognitivos e afetivos para sentir o peso e os efeitos dessa perda. A perda de um (ou dois) dos esteios de um núcleo familiar tem consequências incontornáveis, gerando uma independência precoce e forçada.

Lembre-se:

O TEMPO DE LUTO DA CRIANÇA
É DIFERENTE DO TEMPO DO ADULTO.



Ilustração: Brunna Mancuso

REDE DE APOIO DA SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO MULTIPROFISSIONAL

Superintendência - A Superintendência de Educação Multiprofissional pode ser acionada através do e-mail educ.multiprofissal@gmail.com, por Ofício Digital ou pessoalmente.

Coordenação de Orientação Educacional - A Coordenação de Orientação Educacional encontra-se disponível através do e-mail orientação.educ.macaé@gmail.com ou pessoalmente na sala da equipe.

Coordenação de Psicologia Educacional - Para agendar os encontros a escola precisa enviar um e-mail para psicologiasemaebmacae@gmail.com, informando possibilidades de datas e horários. A psicólogas da equipe irão atender de acordo com a disponibilidade de agenda.

Coordenação de Educação Social - O Serviço Social está na SEMED diariamente para atendimento aos gestores, pelo e-mail seso.semed@yahoo.com.br ou pessoalmente na sala da equipe.

REFERÊNCIAS:

<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/07/22/brasil-tem-1-orfao-por-covid-a-cada-5-minutos-pensamos-que-criancas-nao-sao-afetadas-mas-e-o-oposto.ghtml>

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2021/06/19/orfaos-da-covid-19-uma-geracao-invisivel>

<https://www.istoedinheiro.com.br/pandemia-oculta-covid-19-deixou-mais-de-130-mil-orfaos-no-pais-revela-estudo/>

<https://lunetas.com.br/orfaos-da-pandemia/>



Foto: Getty Imagens via BBC